

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. . . \$090

N.º 54 — VOL. III.

Sabbado 24 de Dezembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ANTIGOS — Historia da actualidade — Reinado de D. Affonso VI. conclusão — Ha sessenta annos, conclusão — Conselhos para fazer versos, conclusão — O Minho, o mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde, o campo do Forno em Vianna do Castello — Duas mulheres da epoca, continuacão — A mundanaria, continuacão — O naua.
GRAVEZAS — O mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde — O campo do Forno em Vianna do Castello.

Historia da actualidade.

Amor ás cegas, é o titulo de uma comedia do senhor Cesar Machado, que não pôde subir á scena, como estava destinado, em consequencia de ter fallecido a esposa do actor Marcelino, que na mesma tem uma parte principal.

Madame Tedesco levará á scena, no seu beneficio em S. Carlos, as *Vesperas Sicilianas*, de Verdi.

Espera-se que brevemente suba á scena n'este theatro o *Propheta*, que os leitores bem sabem ser uma das boas composições de Mayerber.

O dia 3 de Novembro completou o terceiro anniversario do governo do visconde de Torres Novas, e n'esse dia teve lugar a inauguração da nova estrada de Pangin ao porto de D. Paula.

As noticias das provincias do reino reduzem-se todas a trabalhos electoraes, e extensas relações de candidatos pelos partidos governamental e anti-governamental.

Publicou-se a reforma das officinas do arsenal da marinha.

Vae abrir-se uma nova rua desde a praia de Santos até ao pateo das Janellas Verdes.

O Gymnasio vae levar novamente á scena a tragedia burlesca *Fabia*, composição do senhor Francisco Palha.

Nas provincias tem-se desinvolvido n'esta semana horribéis temporaes e furacões, que n'algumas partes hão causado estragos.

O rio Douro extravasou do seu leito natural, tal ha sido a força da corrente que tem ievado.

O folheto o *Papa e o congresso*, que tanto arruido tem causado em França, Italia e Inglaterra, foi causa do nuncio de sua santidade em França se dirigir ao ministro dos estrangeiros, perguntando se o mesmo folheto era da penna a que se attribua. O ministro deu uma resposta evasiva.

Diz-se que o cardeal Antonelli não se apresentará no congresso, se o governo francez não de-

clarar pela folha official, que o dito folhetó não é da penna a que se attribue.

Uma tribu da fronteira d'Argel atacou o territorio francez. O general Deligoy com quinhentos infantes e seiscentos vinte e cinco cavallos derrotou-a completamente, tomando-lhe prisioneiros, bandeiras, barracas de campanha e gados.

Vae reconstruir-se o edificio da casa pia em Belem. Para ajudar a esta obra nomeou-se uma commissão de donativos no imperio do Brazil; e entregou-se á administração da dita casa pia o terreno e as construcções das antigas merceceiras, sitas ao poente da alameda do largo de Belem.

Continuam as armas hespanholas a obter vantagens nos ataques parciaes com que são accommittidas pelos marroquinos.

Diz-se que a China deseja a mediação dos Estados-Unidos nas questões que tem pendentes com a França e a Inglaterra.

Os vapores americanos *Flora* e *Temple* naufragaram com oitocentos escravos pretos destinados á Havana.

Em Coimbra teve lugar esta semana a exposição de gado suino e hunigero, mas a commissão não concedeu nenhum premio por não estarem nas devidas circumstancias e requisitos os exemplares apresentados.

A rainha de Hespanha deu á luz uma infanta.

Falleceu em Tagilde, concelho de Guimarães, Rosa Vaz, por alcunha a Sebastião, com a idade de cento vinte tres annos e quatro mezes.

Diz-se que no congresso se tratará da neutralidade dos estados pontificios, garantindo-se uma guarnição de tropas procedentes das nações catholicas.

A corveta *Sagres* está fundeada em Gibraltar.

O senhor Sequeira Pinto, enfermeiro-mór do hospital de S. José, foi suspenso d'esta administração, e corre noticia que vae pedir a sua demissão.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

Conclusão.

Nas suas maiores queixas contra a rainha, Cas-

telmelhor nada dizia da sua honra. D'aqui queriam concluir alguns a probabilidade de que nada houvesse de commum entre ella e o principe senão o grande resentimento que ambos tinham do conde pelo tratamento sempre recebido d'elle. Parece que havia mais que isso. Só Castelmelhor, e Henrique Henriques não viram nem comprehenderam que o infante regrara a vida, ao passo que o rei não mudara a sua, e vivia com a rainha de modo que não havia esperar successão; não podendo sustentar-se por muito tempo se não mudasse de proceder, e não poupasse a esposa e o irmão!

Na tarde do mesmo dia Castelmelhor disse ao abbade Bani, que não sabia se partiria n'aquelle noite, porque isso dependia do seguro que pedira ao principe, mas que desejava despedir-se da rainha, e diria ao rei que não tinha outro meio de salvar-se senão confiando n'ella, e servindo-se do seu conselho nos negocios, para mostrar ao mundo a união e confiança em que viviam. Ao abbade pedia que a aconselhasse; que a persuadisse de que era necessario que se entregasse aos negocios, que visse tudo, e se não fiasse de ninguém. Dizia que ao rei não faltava espirito nem bom senso, mas que nada queria fazer: a maior difficuldade seria obrigar-o não só a tomar parte nos negocios, mas tambem a pensar n'elles; só a rainha podia e devia excita-lo, lisonjea-lo e acaricia-lo, sem se sentir dos seus maus humores, que passavam de pressa.

Achando-o n'estas boas disposições, para lhe mostrar que não fóra a rainha que insistira na condição da sua separação, contou-lhe o abbade miudamente o que se passara com o relatorio do padre de Villes, e missão de Pedro Fernandes Monteiro ao principe, e o que Ruy de Moura dissera e fizera n'estas duas occasões. O conde, sem que nada respondesse, pareceu estar mais ao facto de tudo isto, que o abbade pensava.

A chegada repentina de novos personagens veio animar esta scena, e produzir n'ella effeitos contradictorios e inexplicaveis.

Quando Castelmelhor e Bani praticavam ainda, entraram na sala o enviado de França, Saint-Romain, e o consul geral Gravier, que os deixaram fallar sóz ainda por algum tempo. Desfallecendo um pouco a conversação, aproximaram-se e cumprimentaram-se. Recobeu-os o conde bem, repetiu, ácerca da rainha, o que acabava de dizer, e n'isto correu a conversação até que entrou o enviado da Inglaterra. Saint-Romain e Gravier foram ao seu encontro. Castelmelhor depois de dizer mais

algumas palavras a Bani, fallou a outras pessoas que ali estavam, e emfim a Henrique Henriques que chegara. Depois de praticarem muito tempo, veio o conde outra vez para Bani e Saint-Romain, e dirigindo a palavra ao ultimo, disse bruscamente em portuguez:

—Acaso não é ainda tempo de fazer voltar o secretario d'estado?

Ambos os abbades ficaram espantados com esta linguagem. Como nada respondiam, Castelmelhor continuou:

—Se lhe querem tirar o cargo, que lh'o tirem, mas ao menos devia ter a liberdade de ir e vir para tratar dos meus negocios.

Saint-Romain respondeu que parecia razoavel que se lhe accordasse essa liberdade, e que, se queria, fallaria n'isso. Castelmelhor nada respondeu, mas depois de um momento de silencio, exclamou repentinamente:

—Uma rainha que mandei vir é que me perde, e ao reino, e a seu marido!

O enviado francez acudiu com suavidade, que ao contrario d'isso julgava que só ella n'esta occasião o salvava e ao estado; e que quanto ao passado só d'elle dependera que entre ella, elle, e seus amigos houvesse perfeita união.

—Sim, (disse o conde) mas isso não me convinha. Já agora de nada serve.

E encostando-se á janella poz-se a murmurar com o roziario de contas entre os dedos.

Os abbades encostados á parede, cada um do seu lado, permaneceram silenciosos alguns minutos, até que Simão de Vasconcellos entrou, e o conde foi para elle.

Os dois enviados, o consul, e o abbade Bani vendo que era já tarde, e não suppondo que o conde pensasse em partir ainda esta noite, retiraram-se sem dizer palavra.

Pelas nove horas recebeu a rainha o salvo conducto que pedira ao principe, e o fez saber ao conde, que foi despedir-se do rei. N'esta occasião Afonso vi mordiu os punhos, e chorava enraivecido. No meio de uma afflicção extraordinaria parecia buscar consolação, repetindo que só despedia o conde por poucos dias. Do aposento do rei passou Castelmelhor ao aposento da rainha: entre choros e soluços que lhe embargavam a voz, pediu-lhe perdão do passado, agradeceu-lhe a bondade que n'esta occasião lhe testemunhara, e asseverou-lhe que dissera ao rei tudo quanto tinha dito ao abbade Bani. A rainha não chorou como o rei; entregou ao conde o salvo conducto do principe, por escripto, tal qual o pedira, e despediu-o civilmente.

Peia meia noite, acompanhado de uns cincoenta soldados de cavallaria, ia Castelmelhor caminho de Torres Vedras.

A principal falta do plano de governo de Castelmelhor foi não querer contemporisar com a rainha e com o infante, ou ao menos com um d'elles, como todo o mundo julgava então, que facilmente podia fazer sem expôr a sua autoridade. Além d'esta, commetteu tres outras capitaes, em todo o curso d'este negocio.

Uma foi oppôr-se obstinadamente a que se desse satisfação á rainha, com a separação do secretario d'estado, sem considerar que uma e outra coisa eram convenientes; que o rei assim o julgara a principio, que o promettera á rainha, e publicamente o ordenara a elle mesmo Castelmelhor. Foi irritada com esta contrariedade, que a rainha teimou em exigir do rei a satisfação que de motu proprio lhe promettera, sem que lh'o ella pedisse. A noticia d'esto combate, a que uma e outra teima deram lugar, rebentou na corte e na cidade, fez o conde odioso, amotinou o povo, e deu ao infante o tempo e a occasião, que incessantemente procurava, para o atacar individualmente. Se o conde pelo contrario, inclinando-se á parte da rainha, executasse sem resistencia a primeira ordem do rei, deixando partir o secretario d'estado, este mesmo teria facilmente obtido perdão, e restituição. Fazendo-o assim não teria o conde apregoado a falta do amigo, e não se teria feito participante e complice d'ella, por outra falta de respeito. Teria dissipado a tormenta á nascença, e se a sua saída do governo, se não mudasse de máximas e proceder, a todos parecia infallivel, teria

ao menos retardado por muito tempo esse revez.

Outra falta foi escarnecer publicamente dos preliminares assentados por Henrique Henriques na cella do padre de Villes, para a accommodação. Com esta imprudencia reanimou o infante e os interessados, reunin-os, fortificou todos na resolução de expulsão da corte.

A terceira falta, emfim, maior e mais irreparavel, foi não se ter mais cedo entregue á meffição da rainha, e a um ajuste, de boa fé, com ella, como se lhe aconselhou antes do negocio se complicar tanto, e de se excandecerem os espiritos a ponto de não haver já meio de o conservar sem perigo do estado, e ate da pessoa do rei. As frequentes desatensões que fizera á rainha, e a repugnança invencivel que tinha a mudar da opinião que lhe entrara na cabeça de a conter sempre inferior e sem credito, o tinham n'uma tamanha irresolução e em tal desconfiança que não podia resolver-se a pôr a sua fortuna nas mãos da rainha. Temia dar-lhe occasião tão visivel de augmentar a reputação e autoridade; e muito mais reconhecer e confessar elle proprio a prudencia que ella tivera não se declarando por nenhuma parte, como elle lhe pedira e instara, conservando-se em situação de poder intervir e evitar os extremos a que todo o mundo contribuia a levar a questão.

Antes de concluir este episodio não será sem interesse dar a conhecer quaes eram as figuras principaes e quasi unicas, que ficavam ao pé do rei, do partido de Castelmelhor, seus antigos e persistentes sustentáculos. Eil-as:

D. Antonio de Mendonça, arcebispo de Braga. Ruy de Moura Telles, da mesma casa que o Marquez de Castel-Rodrigo; e seu primo germano.

Conde de Val-de-Reis, sobrinho do primeiro, e genro do outro por sua filha, unica que deixou filhos. Estes tres eram do conselho d'estado e da primeira qualidade, prudentes, capazes de negocios, mas interessados e infamados pela sua inclinação e constante affeição a Castella, de modo que raramente se fallava n'elles que se não juntasse: *Madrid por dentro.*

Ruy Fernandes d'Almada presidente do senado, que adquirira muitos bens com o favor do conde, seu sobrinho. Tinha espirito ameno e facil, mas era, como aquellos, grande castelhano.

Simão de Vasconcellos e Sousa general da cavallaria de Lisboa.

Lourenço de Sousa general da artilharia no Algarve, e sargento mór de batalha no Alemtejo. Este era primo e intimo confidente do conde; aquelle seu irmão.

Francisco de Sousa capitão das guardas de corpo, homem fino e composto, de modo que se não sabia o que se devia crer a seu respeito. D'elle se fallava pouco n'aquella occasião, inda que ate ali parecera ligado com o conde, e com Henrique Henriques mais intimamente que com outra pessoa. Era de familia que sempre fóra do partido castelhano.

Salvador Corrêa, castelhano por inclinação e por nascimento, homem de sessenta annos, violento, brutal, interesseiro, mas pobre, tendo sempre esbanjado a fortuna com ambas as mãos, assim como a havia, sem conta, sem peso e sem medida.

D. Marcos de Noronha, fidalgo da primeira qualidade, que pelo seu nascimento tinha consideração.

D. Pedro d'Almeida amigo moderno do conde, filho segundo do governador do Algarve. Desposara a filha d'um rico burguez que administrava os bens da corôa. Só n'esta occasião viera á corte. Depois da morte de seu sogro, continuou na administração que elle tinha, o que até ali nenhum fidalgo tinha feito. Tomando tambem conta das terras de Castelmelhor adquirira por este meio a sua amizade.

Rematavam emfim a companhia selecta dos parciaes do conde, alguns dos valentões de Afonso vi, e outros inferiores criados da camara e da guarda roupa, entre os d'esta um Manuel Antunes, homem de pouco mais ou menos, só conhecido pelos seus vicios e pelo credito que o rei n'elle depositava.

Assim perdeu a sua principal parte no governo o ministro valido de D. Afonso vi. Suiu, para não voltar mais á governação. Os acontecimentos, em lugar de se calmarem, iam complicar-se e preci-

pitare-se. A reclusão esperava o rei, que não podia viver sem aquelles ministros; o desterro esperava os ministros, que tinham ganho tamanho imperio no animo do monarcha, e não tinham sabido ser a tempo complacentes.

JOSÉ DE TORRES.

Ha sessenta annos.

Noticias curiosas do anno de 1790, relativas a Portugal.

Conclusão.

Miscellanea.

Além do Jardim Botânico d'Ajuda, de que era então director o celebre Domingos Vandelli, existiam em 1790 os seguintes hortos botanicos de particulares:

Em Palhavã, pertencente aos tios da rainha, D. José e D. Antonio;

No Lumiar, do Marquez de Angeja;

Em S. Sebastião da Pedreira, de Fernando de Lavre Garcez Lobo Palha, provedor dos armazens de Guiné, India, e armadas;

Em Bemfica, de Gerardo Devisme;

Em Coimbra, o da universidade;

No Porto, o de Francisco Biasly, negociante britannico.

E doze gabinetes de historia natural, a saber:

Na Ajuda, o gabinete real.

Na academia das sciencias.

Na Junqueira, casa do Marquez de Angeja.

Em Alcoentre, do conde de Vimieiro.

Na universidade de Coimbra.

Em Beja, palacio episcopal.

No convento de Jesus em Lisboa.

Na basilica de Mafra.

No largo do Calhariz, casa do advogado Francisco Martins Sampaio.

No Chiado, casa do livreiro Jorge-Rei.

Em Evora, do conego José Jacinto Nunes de Mello.

Na Ribeira Nova, habitação do mestre-escola Antonio Jacinto de Araujo.

Mais outros doze gabinetes de medalhas e antiguidades:

O legado pelo arcebispo de Braga, o *senhor D. Gaspar*, tio da rainha.

O do Marquez de Angeja.

O do conde de Vimieiro.

O da universidade.

O do bispo de Beja.

O de João de Magalhães e Avelar.

O de Luiz Antonio de Barros Fragosos.

O de Francisco Martins Sampaio.

O do padre D. Thomaz Caetano de Bem.

O do padre fr. Bernardo da Esperança.

O do abbade Gerard.

O de João Vidal da Costa e Sousa.

E ainda quatro gabinetes de physica, a saber:

Do Marquez de Tancois,

Dos padres da congregação do Oratorio.

Da universidade.

Do real collegio de Mafra.

A população de Lisboa, que em 1780 occupava 33764 fogos, subia em 1790 a 38102; augmento nos dez annos, 4338 fogos.

Entraram na real casa dos expostos durante o anno de 1789 entre meninos e meninas 1279, dos quaes falleceram 405; e no hospital de S. José deram entrada durante o mesmo anno 10020 doentes. No referido praso houve em Lisboa 1498 casamentos, 6561 nascimentos, e 5386 fallecimentos, além dos religiosos e religiosas que foram sepultados nos respectivos mosteiros.

Entraram no Tejo durante o indicado anno, 892 navios, dos quaes 252 nacionaes, e 6 d'elles de guerra.

O leitor curioso pode agora dar-se ao trabalho de fazer a comparação entre hoje, e ha sessenta annos nos diversos pontos de estatistica apontados.

Conselhos para fazer versos.

IMITAÇÃO.

Conclusão.

Os autores que nasceram para nos enfiar, devem-se ler pouco para que se não adquira o habito d'aquelle tom narcótico em que psalmodieiam.

E' sempre feliz aquelle que sabe passar do grave ao alegre, do meigo ao severo, do vivo ao melancólico!

Um mixto de sentimentos, como é verdadeiramente a vida que um dia enche o coração de magoas, e no outro o cobre de flores, hoje o entristece, amanhã o inunda de alegrias!

O livro d'estes, abençoado pelo ceo e querido dos que lêem, está muitas vezes no livreiro cercado de compradores; os outros, dormem nas estantes cobertos de poeira e devorados pela traça.

A baixeza é sempre repugnante nos escriptos; o estylo mais pobre tem também a sua nobreza; despreze-se o burlesco desaforado que o bom senso rejeita, porque se agradou á primeira vista, foi só pela novidade. Uma obra nunca se deve manchar n'este desacreditado estylo: o gracejo deve ser elegante, sem que se confunda com as chocarrices burlescas de farça de cordel.

Não se imite também o gosto de Brébeuf, mesmo n'uma *Pharsale*, amontoando sobre as praias montanhas lastimosas de mortos e moribundos. Deve adoptar-se um tom melhor, sendo simples com a arte, sublime sem orgulho, agradável sem impostura.

Ao publico não se deve dar senão o que possa aprazer-lhe, prestando-se antes d'isso ouvido atento e severo á cadencia dos versos; que o sentido encurtando as palavras, suspenda o hemistichio marcando a pausa e que uma vogal correndo muito precipitada não encontre outra no seu caminho. As palavras harmoniosas são de melhor preferencia e mais feliz escolha, e em quanto se puder fazer uso d'estas, rejeite-se o concurso odioso dos maus sons. O verso mais completo, o pensamento mais elevado não pode agradar ao espirito, quando offende o ouvido. Durante os primeiros annos do Parnaso francez, era só o capricho absoluto que estabelecia as regras da poesia; Malherbe foi o primeiro em França que deu aos versos uma justa e determinada cadencia, ensinando n'uma palavra poesia no seu logar a facultade de reduzir a inspiração ás regras do dever.

A lingua aperfeiçoada por este sabio escriptor, não offereceu nada mais de aspero, duro e desharmonioso ao ouvido apurado. As estrophes aprenderam a cair com graça, e verso sobre verso nunca mais se illimitaram. Tudo reconheceu as leis estabelecidas por este guia fiel que ainda serve de modelo.

Se o sentido de um verso não se entende logo, o espirito começa a deter-se, e o frivolo discurso prestes a desprender-se, foge do autor que precisa sempre meditar. Ha certos espiritos cujos sombrios pensamentos vivem entre nuvens espessas que nem o dia de juizo seria capaz de romper.

Antes de se escrever, deve-se aprender a pensar, e segundo a idea é mais ou menos obscura, a expressão leva-a do menos perfeito ao mais puro; o que se concebe bem, enuncia-se facilmente, e as palavras para o exprimir lembram depressa sem que se abuse da lingua, pois deve ser sagrada até nos maiores excessos, porque em vão se impressionará alguem de um tom melodioso, se o termo fór improprio e a metrificacão viciosa.

O espirito não admite um barbarismo ainda que pomposo, nem o orgulhoso solecismo no verso empolado, porque sem a correccão no idioma, o autor mais insignificante, ainda que abuse, é sempre um mau escriptor.

E' bom aproveitar as horas de descanso, trabalhando em alguma coisa que inspire a alma e os sentidos, sem que inflame a pressa o louco desejo de ver terminada a obra; um estylo rapido e que esteja na rima, mostra muito menos espirito que raciocinio. Gosta-se geralmente mais de um regato que passeia lentamente sobre a fina areia de um prado cheio de flores, de que d'uma torrente que trasborda n'um curso agitado, e vem rolar cheia de gravidade sobre um terreno lodoso.

Uma obra deve adiantar-se lentamente e sem perder o animo; rever-se muitas vezes, aperfeiçoar-se incessantemente, acrescentar quando fór preciso e cortar também; não é nada para uma obra onde os erros formigam aqui e ali, e que saltam de baixo dos rasgos do espirito. E' preciso que tudo se ponha no seu logar, que o principio e o fim correspondam ao meio, e que com toda a delicadeza da arte, as peças associadas não formem senão um todo de diversas partes; que nunca esarteando-se o discurso do assumpto, se busque muito longe alguma palavra brilhante.

Teme-se a censura publica? Seja o proprio autor um critico severo, porque so a ignorancia e que presta a admirar-se.

Faz-se uma censura dos amigos verdadeiros, e que sejam elles os confidentes sinceros do que se escrever, e de todos os defeitos os zollos adversarios. Diante d'elles depõe-se a arrogancia de autor, mas é preciso saber differenciar o amigo do adulator.

Tanto este parece applaudir que ridicularia e contrafaz; deve-se estimar mais o que aconselha do que aquelle que louva, porque um adulator procura apenas recrear-se. Cada verso que ouve, extasia-o; tudo é encantador e divino, coisa alguma lhe desagrada; estrebuxa de ternura, chora de alegria, e tece elogios pomposos em toda a parte.

A verdade não tem este ar impetuoso; um amigo sabio é sempre rigoroso e inflexivel, nunca deixa escapar uma falta; não perdoa os versos errados, põe no seu logar os mal compostos, e reprime nas palavras a emphase ambiciosa, e diz com toda a franqueza: aqui fere o sentido, ali é incorrecta a phrase; a construcção é um pouco falsa, este termo é equivoco, esta idea é obscura, é preciso esclarecê-la, é preciso emendar.

Como finalmente diz Boileau: — E' assim que falla um amigo verdadeiro.

P. S.

O Minho.

Portugal é um bello e rico paiz, fadado pela Providencia para dar com mão larga aos seus habitantes todas as commodidades e regalos da vida. Por mais que avultem as suas necessidades, reduzem-se todas á falta d'amor da patria e do trabalho de seus filhos. Desenvolvam-se depressa estas virtudes sociaes, e ver-se-ha este solo abençoado transformar-se em breve n'um verdadeiro eden.

Pois d'este lindo paiz é a provincia do Minho a parte mais formosa. Jardim de Portugal pelas suas bellezas naturaes, e ao mesmo tempo um como livro de poesias pelos costumes singelos e poeticos dos seus camponezes; e uma chronica viva de innumeraveis gerações, e de diversas monarchias, pelos monumentos, que a cada passo recordam um grande facto historico, ou a existencia de nações, que bem alto se ergueram no mundo, para se precipitarem depois na immensa voragem, que tem tragado promiscuamente seculos, imperios e gerações.

A falta de estradas, e as asperezas de um terreno mui accidentado difficilmente ainda ha pouco, ou quasi vedavam a nacionaes e estrangeiros o ingresso no interior d'aquella provincia tão pittoresca, e a todos os respeitois tão interessante e curiosa.

Hoje, porém, que por meio d'esse impulso patriótico, que nos vae levando pouco a pouco á communhão dos povos civilizados, já o Minho se acha cortado de bellas estradas macadamizadas, por onde transitam diligencias diariamente, pode o viajante percorrer com commodidade a maior parte d'essa provincia.

E não deveriam os nossos compatriotas, que viajam para instruir-se, ou recrear-se, sair do seu paiz sem primeiro visitar aquella terra classica dos verdouros, e dos monumentos.

Em parte alguma encontrará sitios mais apraziveis; panoramas mais variados; quadros mais românticos e mais formosos; scenas campestres mais interessantes e animadas; e trajos populares mais graciosos e variagados.

Ali não se dá um passo sem que os olhos se pousem alegremente sobre alfaias de perenne verdura, ou estendidas por cima dos campos, ou erguidas em bosques espessos. Por toda a parte o murmúrio

e frescura das aguas; ora em fontes, deslisando-se das rochas; ora saltando em arrosios sobre leito coberto de seixos; já correndo em levadas com impeto e susurro; já crescidas e caudalosas formando rios, que as florestas debruam e muitas vezes toldam.

D'essas arvores seculares e colossaes, que levantam orgulhosamente aos ares a sua immensa copa vicejante, e tão alto que parecem querer esconder-se entre as nuvens; d'essas arvores gigantescas e cheias de vida, diante das quaes não pode o homem deixar de extasiar-se e possuir-se de admiração e veneração para com o Creador, d'essas arvores está semeado todo o solo do Minho.

De espaço a espaço, com intervallos curtos, encontram-se pittorescas povoações, ou assentadas nos valles á sombra de copados soutos, ou reclinadas no dorso dos montes em vistoso amphitheatro, ou mirando-se nas aguas cristalinas de algum rio.

Monumentos de todas as eras, padroes historicos de variado genero, erguem-se n'aquelle paiz, e avultam por todos os lados. Aqui as cristas dos montes servem de penha a venerandos santuarios, uns edificadas pelos homens, e ostentando riqueza, outros obrados pela natureza, e mostrando humildade. Ali ermeam nas encostas das serras, ou sobre pouco elevados oiteiros, castellos de remota antiguidade, erigidos de torres e ameias, que foram testemunhas do triumpho infernal das hordas agarenas, quando senhorearam a peninsula hespanica; e que assistiram também ao nascimento da monarchia portugueza, e ás victorias com que os nossos primeiros reis desafrontaram Portugal do jugo sarraceno. Acolá, no fundo dos valles, ou a meias encostas, ostentam seu vulto grandioso e respeitavel nobres mosteiros de antiquissima origem, todos ricos de memorias gloriosas, e muitos riquissimos d'arte.

E a todos estes monumentos estão ligadas lendas religiosas ou tradições populares cheias de interesse e de poesia.

Hoje pois não ha desculpa para os que deixem de visitar, podendo-o fazer, uma provincia, que a todos os respeitois tanto merece ser vista; onde tudo nos falla eloquentemente ao espirito e ao coração; aos instinctos religiosos e ao amor da patria; onde tudo nos deleita os sentidos, pelo poder do bello e da harmonia; onde tudo, finalmente, nos persuade ao trabalho pela benefica influencia do exemplo, e pelos proprios resultados da industria.

Mas se é necessario mais forte incentivo para os que preferem as coisas estrangeiras ás da patria, vejam esses a linda collecção de estampas photographicas tiradas pelo senhor Seabra, do Porto, e que n'esta cidade se publicam e vendem por assignatura, ou avulso. Representam já uma boa copia de monumentos e vistas pittorescas do Minho. Vejam-os, e ficamos certos, que desejarão conhecer nas suas proprias localidades esses soberbos edificios, esses monumentos venerandos, e essas paizagens encantadoras.

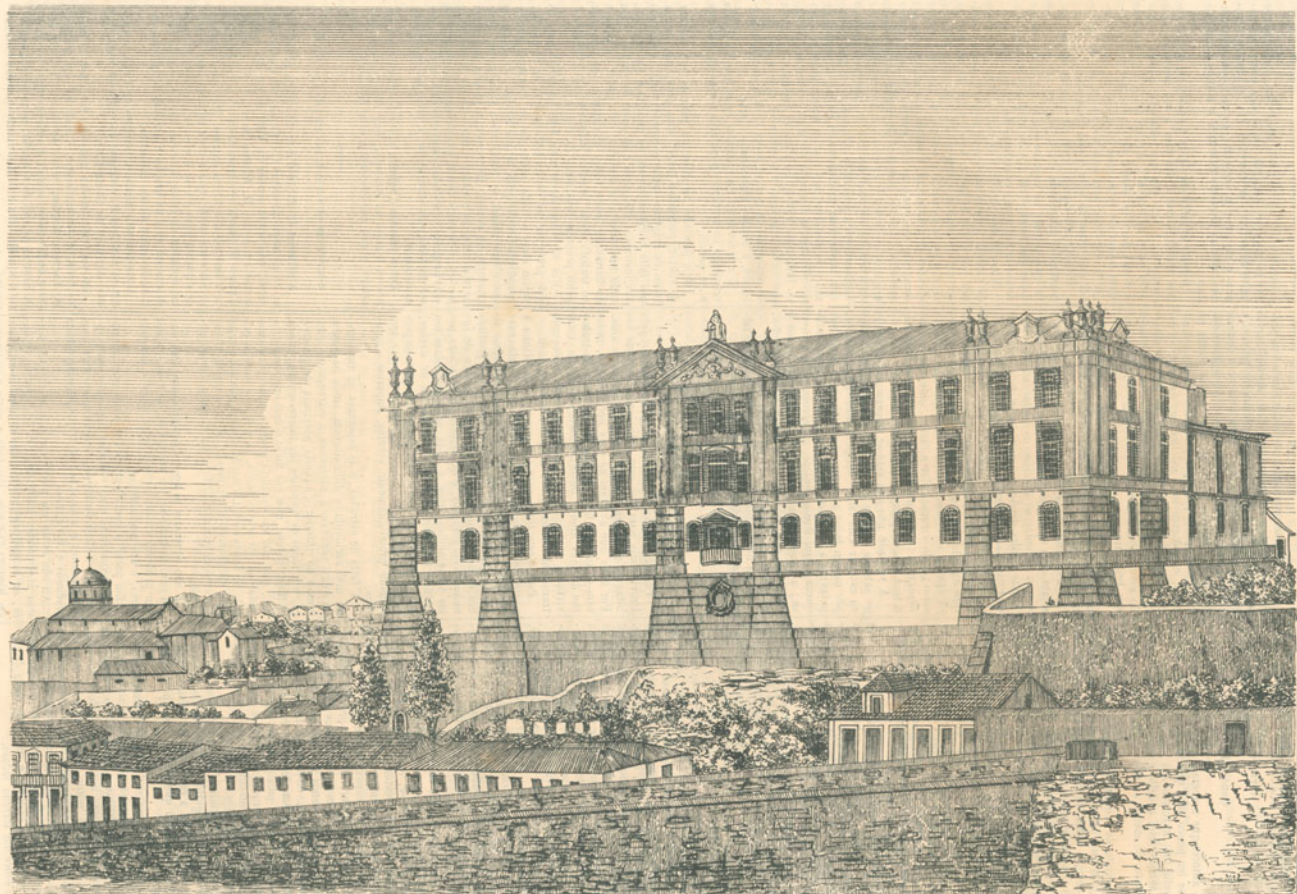
Como amostra d'aquella collecção offerecemos aos nossos leitores as estampas, que acompanham este artigo, e que nos suscitaram estas reflexões.

O MOSTEIRO DE SANTA CLARA DE VILLA DO CONDE.

A primeira fundação d'este magnifico edificio data do principio do seculo xiv. Conta as nossas chronicas, que sendo senhor de Villa do Conde, e mais terras em redor, D. Afonso Sanches, filho natural d'el-rei D. Diniz, resolvera edificar um forte castello para defensa d'aquelles logares. Mas como sonhasse em certa noite, que a obra se fazia com a escada dirigida para o ceo, e crendo por este sonho que era vontade de Deus, que em vez de castello fundasse uma casa de oração e praticas religiosas, decidiu levantar ali um convento.

Começou-se o mosteiro no anno de 1318, e apenas se concluiu foi entregue ás religiosas franciscanas, da regra de Santa Clara.

Em sua vida fez-lhe doação o fundador de muitos bens, e por sua morte, e mais de sua mulher, D. Thereza Martins, filha do conde D. João Afonso de Menezes, senhor d'Albuquerque, e neta de D. Sancho III, rei de Castella, deixou-lhe o senhorio d'aquella villa e de outras terras, com avultadas rendas.



Mosteiro de Santa Clara em Villa do Conde.



Campo do Forno em Vianna do Castello.

D'est'arte foi o convento de Santa Clara de Villa do Conde um dos mais ricos e autorizados, que houve em Portugal. Chegou a ter cento e vinte freiras. A abbadessa com o seu ouvidor sentenciava as apellações das sentenças do juiz, e possuía todos os direitos reais.

Estes grandes privilegios, que começaram a ser-lhe contestados por el-rei D. Duarte, foram-lhe tirados por el-rei D. João III, que no anno de 1537 dispoz d'este senhorio e jurisdicção em favor de seu irmão, o infante D. Duarte. Pelo casamento da senhora D. Catharina, filha d'este infante, com D. João, primeiro do nome, duque de Bragança, passou o mesmo senhorio para a real casa de Bragança.

Com estes privilegios perderam tambem as freiras alguns rendimentos, mas ainda ficaram tão ricas, que, achando-se o mosteiro no seculo passado muito deteriorado, e ameaçando ruína, deram principio á sumptuosa reedificação, que ora vemos, posto que não esteja concluída.

A extinção dos dizimos em 1834 é que acabou com a maior parte das rendas d'aquelle convento, que ao presente apenas encerra umas trinta freiras.

Ergue-se o convento senhorilmente em sitio elevado, e sobranceiro á villa. A frontaria, que a estampa mostra, está voltada para o lado do oceano, e d'elle se avista a grande distancia. Abastece-o de agua um aqueducto, que corre por longa extensão de terreno sobre elegante arcaria, e tal como poucas cidades do reino possuem para abastecimento da povoação.

A egreja tem bastante sumptuosidade, e encerra alfaias e paramentos de muita riqueza e primor. Os fundadores ali repouam em um sepulchro, onde se lê o seguinte epitaphio: «*Aqui jaz o muito esclarecido príncipe D. Affonso Sanchez, filho d'el-rei D. Diniz, de gloriosa memoria, rei de Portugal, com a muito excellente senhora, sua mulher, D. Theza Martins, neta d'el-rei D. Sancho de Castella, primeiros fundadores d'este convento.*»

O CAMPO DO FORNO EM VIANNA DO CASTELLO.

A cidade de Vianna do Castello é uma das povoações melhor situadas, não só da provincia do Minho, mas de Portugal. Sentada em uma alegre planície sobre a margem direita do rio Lima, banha-lhe o oceano o grande campo de Nossa Senhora da Agonia, que a limita pelo lado do occidente.

O seu porto é frequentado por bastantes navios nacionaes e estrangeiros, que lhe fazem florecer o commercio. Por esta razão, e pelas muitas familias nobres e ricas, que ali residem, é terra importante, e de ameno trato.

Não se faz notar pela grandeza e sumptuosidade dos seus monumentos publicos, posto que alguns possuem dignos de observação. Porém no que sobrelheva a todas as povoações do reino é no numero de edificios gothicos particulares, que encerra em si. Poucas são as ruas e praças, onde não se encontra alguma construcção d'este genero. D'entre todas extrema-se por maior, e mais formosa a casa do senhor visconde da Carreira. É um lindo palacete, perfeitamente regular, edificado, ao que parece da sua architectura gothico-floreada, nos tempos felizes d'el-rei D. Manuel.

É muito feliz, certamente, foi essa epoca para Vianna, então villa, pois que a sua cathedra de cidade deu-lh'a a rainha, a senhora D. Maria II, de saudosa memoria. Foi muito feliz, dizemos, porque a erecção de edificios taes como a sua egreja matriz, a da misericórdia, a casa da camara, o grande convento de Santa Anna, de freiras beneditinas, e tantas casas nobres de architectura, que mostra ser do mesmo periodo, provam de sobejo a prosperidade de que então gozava aquella terra.

A egreja e hospital da misericórdia, e a casa da camara vêem-se representados na estampa junta. Erguem-se em uma pequena praça, chamada *Campo do Forno*. Ambas são obra d'el-rei D. Manuel. A primeira tem uma frontaria de architectura muito original, e talvez unica em o nosso paiz. A segunda teve grandes reparos no principio do seculo passado. Na fachada principal vêem-se meio embebidas na parede a cruz da ordem de Christo e a esphera armilar, divisas do fundador.

No meio da praça levanta-se um esbelto e formoso chafariz.

Reservando para outro logar fallarmos com mais mindeza d'esta interessante cidade, remataremos agora este artigo, dizendo que Vianna do Castello se acha ligada por uma bella estrada macdamizada, e por carreiras de diligencias com a cidade do Porto, que lhe fica a dez leguas para o sul, e com a villa de Caminha, que está quatro leguas para o norte, sobre a margem esquerda do rio Minho, que divide Portugal da Galliza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Duas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

Continuação.

O REQUERIMENTO DOS ORPHÃOS DESVALIDOS.

Era principio da primavera. O dia estava lindissimo: não fazia frio nem calor: respirava-se um ar temperado que consolava; e a filha da baroneza de Santa Isabel, acompanhada pela piedosa irmã de caridade, Cesarea do Amor Divino, tinha descido ao jardim para passear.

Desde o principio do inverno que Julia principiara a padecer. Desinvolveu-se-lhe um d'esses soffrimentos mysteriosos, que a medicina classifica de diferentes modos, e procura remediar com uma unica formula; contra os quaes, porém, parece inutil o recurso da sciencia aos olhos de quem acredita que a sciencia sae realmente a campo para combater-os.

Julia consumia muito ferro de Quevennes, e muito oleo de figados de bacalhau; mas as rosas, que uma vez lhe tinham desapparecido do rosto, não voltavam. Entretanto, Julia não se queixava: a muito custo conseguiam obter algumas respostas os medicos, acerca dos symptoms que lhe observavam, e essas eram tão pouco determinadas, que pouco os esclareciam.

A viscondessa suspeitou que fosse moral a causa do abatimento de Julia; mas a viscondessa nem por sombras pensou em dar a confiança de perguntar por sentimentos intimos a um coração que ella pensava de ha muito em sacrificar ao interesse.

O interesse com que a irmã de caridade procurava conversar com Julia a respeito do coração, dava a entender que tinha sido encarregada, pela viscondessa, de obter algum esclarecimento preciso a respeito dos sentimentos de Julia; mas as repetidas tentativas da piedosa irmã eram sempre illudidas pelas respostas equivocadas de Julia; ou por algum d'esses ironicos sorrisos, particulares de quem ama, que nos fazem crer que não existe semelhante amor.

As respostas, porém, e os sorrisos de Julia não illudiam a perspicacia de Cesarea. Além da provavel recommendação da viscondessa, Cesarea empenhava bastante curiosidade propria para saber quem era esse ente mysterioso que tinha despertado tão profundo sentimento no coração de Julia.

Não é facil explicar de que modo conseguiu Cesarea penetrar aquelle segredo.

O grau de curiosidade que sente uma mulher de saber quem é o preferido de outra é tal, que esta fora do alcance da comprehensão dos homens. Os dados que de ordinario colhe para fundar a suspeita são quasi adivinhados: escutados, por assim dizer, na respiração; obtidos na mais minuciosa e exacta apreciação de todos os gestos e palavras.

Cesarea suspeitou finalmente quem era o preferido de Julia; mas pareceu-lhe antever tantas e tão notaveis contradicções, que longe de satisfazer com a revelação o espirito da viscondessa, protestou-lhe que não era possivel saber semelhante coisa.

Havia tres quartos de hora que Julia passeiava no jardim com Cesarea, quando a viscondessa e o padre Lunardi appareceram no patamar da escada de marmore, que conduzia a uma varanda contigua ás salas do andar nobre.

A viscondessa disse ainda algumas palavras ao lazarieta, e foi abraçar Julia.

— Não sabes, minha filha, vou fazer-te um roubo que hade custar-te muito! E, todavia, inevitavel. Tu estás melhor; já não precisas de muitos cuidados; em quanto que um amigo nosso, e bem amigo!... está em tal estado, que só a provada caridade d'esta piedosa irmã lhe pode valer em logar de sua mãe. E' Carlos que está muito mal, muito mal! A baroneza não tem forças para os desvelos que requer um doente n'aquelle estado: além d'isso, a doença, tendo uma origem puramente moral... requer tambem alguns cuidados moraes que só a caridade saberá prestar-lhe com a palavra da unção evangelica. Hontem estive com a baroneza, e tão commovida fiquei ouvindo a descripção do estado em que gemia seu filho, que, contando com o consentimento do nosso excellentepadre Lunardi, lhe prometti a companhia da nossa boa Cesarea.

— Heide sentir a falta de tão boa companheira, respondeu Julia; entretanto, eu tambem pensava em privar-me d'ella.

— Como assim?

— Já agora mesmo fallar-lhe em favor de uns tristes orphãos que se acham na maior miseria e abandono possivel! Se a mamã quer dar-se ao incommodo de ler este requerimento que elles me fizeram...

— Um requerimento... a ti?!

— Chamam-me a sua esperança... coitados!

— Porém d'onde te conhece essa gente?

— De algumas esmolas que lhes tenho offerecido, desculpe, mamã, sem o seu consentimento.

— Não posso censurar-te por tão piedosa acção: mas parece-me extravagante... a impertinencia d'esses taes rapazes!... tu és uma menina solteira... e não estás no caso de...

— De ser esperança de alguém?

— Oh! não te respondo como semelhante interpretação merecia, Julia; mas asseguro-te que se pensasses seriamente em ser *esperança de alguém*, farias melhor do que tomar a peito outras considerações ainda muito estranhas á tua posição.

— Perdão, mamã; julgava que em qualquer posição social era dever o fazer bem.

— E, não nego; mas quando se não possui ainda a pratica do mundo necessaria para saber distinguir dos verdadeiros necessitados os que especulam com a caridade publica, é perigoso crer que se é a *esperança dos pobres*, porque muitas vezes não se passa de ser o ludibrio das suas tristes especulações.

Dizendo isto, a viscondessa desdobrou vagorosamente o papel, poz a luneta e leu.

«*Senhora: — Anna Maria, de idade de quinze annos; Rosalina, de idade de doze; Gertrudes, de seis; Francisco e Pedro, de dez e de oito, orphãos de Antonio Cardoso Guerra, victima da febre amarella, recorrem hoje ao coração de v. ex.ª, que é a sua unica esperança na terra, assim como Deus no ceo. Senhora: estes infelizes orphãos e sua mãe, enferma, eram apenas sustentados pelo trabalho de sua irmã mais velha, que cósia para os algibeles; e as suas duas irmãs tinham ido para o collegio de caridade na Ajuda; mas no fim de tres mezes, voltaram deitando sangue pela bocca e muito doemninhas, pelo trabalho a que lá as obrigavam: fazer todas as camas, varrer todas as casas, e ate lavar algumas, para o que ellas não tinham forças. Hoje, a supplicante está doente n'uma cama, sem poder acudir á sua infeliz familia, e tendo sollicitado a companhia de uma irmã de caridade, estas recusaram vir, dizendo, que já que tinham ido para as francezas, que viesse uma d'essas tratar-nos. Sabendo que v. ex.ª tem em casa uma das taes piedosas irmãs, a supplicante pede pelo amor de Deus, que venha passar com ella alguns dias, pois se acha abandonada, com suas irmãs-inhas doentes, e sem ter nem quem lhe faça um caldinho, visto os visinhos não poderem perder o seu tempo, que lhe é preciso para o seu trabalho.*»

«*A supplicante, que já conhece o generoso coração de v. ex.ª, espera que hade ter mercê, que pede pelo amor de Deus, e de quem v. ex.ª mais estima.*»

A viscondessa, quando acabou de ler aquelle extensissimo requerimento, soltou uma risadinha de desprezo, e respondeu:

— Bem te dizia eu, Julia, especulações... Oh!

mas estas não são dos pobres, são dos detractores, e dos intrigantes.

— Porque, mamã?

— Pois não percebes, aqui, por estas palavras... mas no fim de tres mezes voltaram deitando sangue pela bocca e muito doentinhas pelo trabalho a que lá as obrigavam. Em primeiro logar, devias suppôr immediatamente, que este requerimento não foi redigido pela tua protegida: andou aqui a mão de alguém que aproveitou o acaso de terem adoecido as creanças, para lançar o odioso sobre as piedosas irmãs que regem aquelle estabelecimento! Não, minha filha, não des ouvidos a semelhantes queixas, nem queiras empregar tão mal a caridade d'esta piedosa irmã a quem somos tão obrigadas! Villões-ruins! estiveram tres mezes recebendo alimento e educação para lançarem uma queixa d'esta ordem contra os verdadeiros sentimentos de caridade que distinguem estas piedosas e boas irmãs! Minha filha, bem dizia em que abusavam da tua credulidade, do teu bom coração. Entrega os teus pobres ao despreso que lhes merece a ridicula calumnia de que foram orgãos!

Julia não ousava contrariar sua mãe; mas censurou tacitamente o conselho que lhe dava a respeito d'aquellas infelizes creanças que tinham depositado tantas esperanças no seu coração.

— E julgas tu, minha filha, continuou a viscondessa, que o nosso bom padre Lunardi consentiria que a piedosa irmã Cesarea fosse expor-se sabe Deus a que... na companhia d'essa gente comprada para comprometter o credito e os sentimentos das desinteressadas mulheres que alli nos chegaram para nos auxiliarem no santo mister de proteger a miseria verdadeiramente desvalida? A religião não nos ordena que façamos bem a quem não o merece. As nossas escolas devem ser applicadas a quem realmente tiver necessidade d'ellas e não for indigno do amor de Deus. Voltando, porém, ao nosso principal assumpto, consentes que te roube a tua piedosa companheira, de quem tão pouco a proposito querias privar-te?

— Sim, mamã; sinto-me melhor.

— Então, minha irmã, continuou a viscondessa voltando-se para Cesarea, só nos resta esperar a sua deliberação, porque o reverendo padre Lunardi não se oppõe á sua ida para casa da minha amiga baroneza de Villmar.

Cesarea trocou rapidamente um impereceptivel olhar com Pietro Lunardi, e respondeu:

— Estou prompta a partir para onde houver mister da caridade que exerce em nome de Deus.

— Não esperava outra resposta de quem tão bem professa o amor divino, minha irmã. Muito bem; n'esse caso, partirá quando quizer. Eu mesma irei acompanhá-la. Estou prompta, e a carruagem espera-nos.

Cesarea despediu-se de Julia, dando-lhe um beijo na testa; inclinou-se monasticamente na presença de Pietro Lunardi, e acompanhou a viscondessa.

Quando entraram para a carruagem, que as esperava á grade do jardim, se algum tivesse observado a physionomia de Pietro Lunardi, ter-lhe-hia notado um sorriso traçoceiro, d'aquelles que só teem os homens ruivos e de olhos azues.

Julia ficou só com elle.

Houve um momento de silencio.

Julia passeiava distraída pelo jardim, acariciando as flores. Pietro Lunardi, com o rosto quasi escondido pelo seu enorme chapéo derrubado, lançava-lhe, a furto, um olhar reluzente, muito semelhante ao do lobo quando mira a ovelha defendida pelo redil. Julia foi aproximando-se d'elle, fingindo que não o procurava; e quando o encontrou no caminho fez um pequeno gesto de surpresa.

— Ah! ainda aqui estava, padre Lunardi, disse-lhe ella: ainda bem: quero pedir-lhe um favor.

— Um favor? Perguntou elle no seu mal pronunciado portuguez.

— Sim; mas talvez censure o que desejo pedir-lhe, por ser de algum modo contra os conselhos da mamã: entretanto, se o padre Lunardi entender que é justo o sentimento que me inspira a desgraça...

— Oh! é sempre justo!

— Queria pedir-lhe que fosse hoje visitar os meus protegidos e levar-lhes uma esmola.

— Eu?!

— Sim: a minha vontade era ir eu mesma...

— Então porque não vão?

— Ora... heide ir só?!

— Não tem ninguém que a acompanhe?

— Pelo menos, da minha confiança ninguém!

Desejava que este meu acto de caridade ficasse inteiramente na sombra.

— E' um meio de tornar-o sublime aos olhos de Deus. Quando a tua mão direita der uma esmola guarda-te de que a esquerda o saiba: e quando fores em auxilio do pobre não leves a trombeta da fama adiante de ti.

— Diga-me uma coisa, padre Lunardi, tem duvida de ir com uma carta minha procurar aquelles infelizes para me dar exactas informações a seu respeito? Sei que vivem na maior miseria possível e custa-me crer que não seja verdadeira caridade o soccorrel-os. Oh! se eu mesma podesse ir... se não temesse que a minha ida constasse, e fosse mal interpretada... se ao menos tivesse uma pessoa de inquestionaveis sentimentos de piedade que me acompanhasse e fosse testemunha d'este meu passo quando pretendessem attribuir-lhe um sentimento menos justo... Era um prazer inexplicavel que eu sentia de ir pessoalmente em auxilio da desgraça!

— Oh! quem falla d'esse modo, disse o padre Lunardi, faz tão perfeita idéa do que é soffrer, que mostra ter já soffrido muito!

— Sim, padre Lunardi; á força de soffrer, só me consola a idéa de fazer bem aos desgraçados!

— Mas... que soffrimentos teem sido esses? Perguntou o padre Lunardi com um sorriso de duvida.

— Também se soffre muito no seio da opulencia! Não só as privações provenientes da miseria nos fazem soffrer. Ha outras, não menos afflictivas...

— Quaes?!

Julia arrependeu-se talvez de ter dito tanto; trahiu-se sem querer; era mister continuar.

— Quaes? Vamos: vejo que é preciso abrir-lhe o meu coração! Tenho até hoje occultado de todos o meu segredo: não tenho tido bastante confiança em pessoa alguma para lhe fazer a revelação de um sentimento que ha muito tempo me domina, que não posso vencer, e que hade matar-me!

— Basta, minha filha: poupe-lhe a pena de recordar o facto. Eu ja sei.

— Já sabe?! Perguntou Julia espantada.

— Já sei tudo.

— Oh! é incrível! Talvez não pense a que me refiro!

— Pelo contrario: refiro-se ao sentimento que lhe inspira um rapaz sem nome nem fortuna...

— Meu Deus! mas eu nunca disse a ninguém semelhante coisa! nunca pessoa alguma me viu fallar com elle, nem ler cartas suas!...

— Houve todavia quem o visse passar por aqui. Julia permaneceu em silencio.

— Oh! padre Lunardi; a religião ainda se nos affigura mais bella quando um sentimento d'esta ordem parece enforar todas as nossas ficções, todos os nossos pensamentos! Que me importa que elle seja pobre quando sei que tenho alguma fortuna! Oh! como eu havia de abençoar aquelles de que ella me provém, se com ella podesse tornar feliz esse homem a quem amo de todo o meu coração! A desesperança, porém, de tão bella idéa, tem-me feito muito mal. A minha doença conheço que não tem outra origem. Custa-me a entender como o amor de uma mãe não adivinha o que se passa no coração de sua filha; e não acha consolação em vê-la feliz, satisfazendo-lhe essa affeição que lá existe, e que não pode ser sacrificada a coisa alguma! Eu sei que premeditam casar-me com o filho do barão de Villmar; mas se para se realisar um casamento é necessario obter uma resposta favoravel da noiva, juro que nunca os meus labios pronunciarão semelhante palavra! Succeda o que succeder; enclausurem-me: tratem-me mal... façam embora o que quizerem de mim: uma estatua de marmore pronunciaria mais facilmente a palavra que do mim exigirem a respeito d'esse projectado casamento, porque o meu coração não se vende!

— Minha filha, observou o padre Lunardi, antes de tudo deve pensar que não ha nada peor aos olhos de Deus do que desobedecer a nossos paes!

— Sim, padre, e é por assim pensar que mais augmenta o meu soffrimento. Cada vez que penso n'esse dia em que heide ver-me constringida a desobedecer a minha mãe, peço a Deus que me chame a si! Sabe pois a origem das minhas afflicções, e se o padre faz uma idéa do que é o sentimento que me domina, que absorve todos os meus pensamentos, que me não dá senão uma unica aspiração... em desharmonia com todos os prejuizos da minha familia, calcule até que ponto devo considerar-me desgraçada! Tenho chorado tanto, repito, que só acho hoje consolação em enxugar as lagrimas dos infelizes.

— Todos os corações bem formados encontram igual consolação em adogar a sorte dos infelizes. Em quanto, porém, ao sentimento de que me fallou, está bem certa de que a pessoa que lh'o inspira merece realmente essas lagrimas? que não a ama por simples calculo de interesse? Ha homens que não pensam senão n'um casamento vantajoso como meio de fazerem fortuna!

— Não sei no que elle pensa: só sei que o amo.

— Mas um amor irreflectido, prova de ordinario a falta d'aquella razão clara que deve illuminar-nos em todos os actos e circumstancias da nossa vida.

A razão é o que vulgarmente denominamos allegoricamente o anjo da guarda. E' preciso que ella guarde constantemente o coração das precipitações a que o seu demasiado grau de sensibilidade pode por vezes expô-lo. Ha um periodo na vida em que, illudidos pelas flores da nossa imaginação, não cuidamos em semear na existencia outros enlevos mais duradouros; mas esse periodo passa com brevidade, e só então conhecemos todos os enganos de que fomos irreflectidamente o ludibrio. E' de ordinario tão custoso obedecer, sacrificar essas flores á vontade d'aquelles que por direito de posição ou de intelligencia nos governam, como agradável colher depois os fructos d'essa obediencia na felicidade que sentimos estabelecer-se em nós mesmos. E por esta razão que muitas vezes os nossos superiores recorrem a alguns meios que parecem violentos e despoticos aos olhos da mocidade! Uma mulher tem, no mundo civilisado, uma missão positiva, para a qual a educação moral e religiosa deve pouco a pouco dispô-la. A mulher nasceu para ser o centro de uma familia: e é a felicidade d'essa familia que ella deve, a tempo, sacrificar algumas das suas illusões; quando, porém, não possui o sufficiente grau de razão para consumir esse sacrificio, é dever dos paes obrigá-la!

— Respeito muito as suas idéas, padre Lunardi, respondeu Julia; mas permita-me dizer-lhe, como Genuense recommenda, que divergimos muito do nosso principal assumpto. Voltemos a fallar das minhas protegidas.

— Tem razão; e peço-lhe desculpa de ter excedido talvez os limites da sua paciencia...

— Não excedeu: escuto sempre com muito gosto as suas praticas. Ainda que os cabellos brancos não o autorisem, por ora, a despresar por esse modo as illusões que ha no espirito de uma mulher moça, o estado que professa, e a doçura com que se exprime dão-lhe muitas garantias contra a impaciencia de quem o escutar. Tinha-lhe pedido...

— Para a acompanhar a casa das suas protegidas.

— E' um offerecimento que me faz; aceito-o de muito boa vontade. O seu coração adivinhou o pedido que não tive força de fazer, receiando abusar da sua bondade.

O padre Lunardi ficou um momento em silencio.

— Pois bem, disse emfim. Esta noite, ás seis horas em ponto, hade uma sege esperar-nos ao postigo do muro do jardim. Appareça, que hade encontrar-me.

— Muito obrigada, padre Lunardi. Oh! que prazer que vamos levar aquelles infelizes! Tantos corações innocentes pedindo por mim ao Eterno... Até á noite, padre Lunardi.

— A's seis horas. Respondeu elle.

Julia subiu ligeiramente a escada, e entrou em casa. Pietro Lunardi seguiu-a com a vista; sorriu-se; e saiu pelo portão de ferro do jardim.

Continua.

A. HOGAN.

A mundanaria.

VULTO.

Continuação.

Quantas tardes, ao sol posto,
Quando no mar bonançoso,
Tibio o sol mergulha o rosto,
Quando a luz nos ceos desmaia,
Sob aquella mesma faixa,
Mil protestos d'amizade,
Todos puros, sem maldade,
Não fizemos?!... Tu creança,
Eras no berço da idade
Das illusões e da creença,
Da creença robustecida;
Eras na quadra da vida,
Em que na mente desponta
Um pensamento que aponta,
E diz á mulher donzella
P'ra que Deus a fez tão bella,
E no mundo foi nascida!
Mas nem sombra de vaidade
Perturbado ainda havia
De tua alma a virgindade,
Clara como a luz do dia.

Qual ribeiro que murmura
Entre os seixos, e entre as flores,
Na lisa face espelhada
Reflectindo a formosura
Da erma abobada azulada;
Assim a tua alma pura
Livre de penas, de magoas,
Qual da riba as limpas aguas,
Innocente s'expandia
Da infancia entre os verdores,
Aquelles que o ser te deram
Rescendendo mil amores!
Eras feliz! Mas um dia,
Dia lugubre, fatal,
Não sei que genio do mal
Turbar-te veiu a pureza
De tua alma, essa poesia,
Toda casta, da innocencia!
Da paixão o vendaval
Toldou-te o ceo da existencia.

Funesto amor! Uma tarde
D'outono serena e estiva,
Vim topar-te pensativa
Junto a um florido rosal.
Ao acaso, distrahida,
Uma fresca e alva rosa
Colheste. Era a mais formosa,
Que do pe se debruçava,
Que do seu tronco pendida,
Mirando-se no ribeiro,
Toda triste, mas vaidosa,
Namorava a triste imagem
D'um lyrio, que sobranceiro
N'uma rocha, a doida aragem
Sacudia e baloiçava!
Uma brisa mais violenta,
Do horizonte então rebenta,
E a rosa vem desfolhar-te!
Co'o tronco na mão ficaste,
Co'o tronquinho apenas, só t'
Que as folhas da triste rosa
Já rolavam pelo pó!

Não sei porque, mas coraste.
Nas mãos escondeste o rosto,
E com mostras de desgosto,
P'ra longe o tronco arrojaste
Condoída! — Triste presagio!
— N'aquella rosa esfolhada,
Toda murcha e abandonada
A sabor do rijo vento,
Lendo estavas o naufragio.
Da tua pureza... Lendo
Tu estavas, sem no sentir,
Em cada uma folha sua
A verdade negra e nua,
Da sorte que te aguardava,
— O teu lugubre porvir! —

Nos abysmos do passado
Dias muitos amontoara
Do tempo a mão. Muita esp'rança,
N'este mundo, meiga e cara,

Com o tempo devorada,
Nos abysmos se escoara!
Da arvore da existencia
Folhas mil e mil rolaram
No baldio chão da vida!
Folhas muitas já myrrhadas
Com as esp'ranças murchadas
Nos abysmos se finaram!
Tu incolume do tempo
A' devastadora acção,
Qual piloto denodado,
Que sorri ao ver irado
Bramir furias o oceano,
Não cuidosa do futuro,
Pouca louca! Triste engano!
Do tempo ao correr insano,
Afoita tambem sorris!...
Deslembada do passado.
Muitos mezes, muitos dias,
Decorreram em ventura,
Em ventura p'ra nós ambos,
Mas ventura que devia
Despertar em nossos peitos,
Muita dór, muita agonia,
Muitos prantos e amargura!
Do destino a mão terrivel,
Fera o golpe despediu.
Tu, caiste aniquilada...
E minha alma fulminada,
P'lo golpe que compartiu,
Ao ver a magoa pungida,
Que irosa na flor da vida,
Te finava... succumbiu!

Continua. H. VAN-DEITERS.

O nauta.

I

«Ruja fera a procella em mar alto
«Co'as rajadas do norte a bramir,
«E das vagas o atroz sobresalto
«O baixel ameaça afundir;
«Que me importa essa lucta, se firme,
«No meu posto, zombando da morte,
«Aos continuos embates da sorte
«Sobranceiro sei sempre existir?

«Quando a noite é serena, e de magoas
«Soltam pios as aves do mar,
«E a lua espelhada nas aguas
«Namorada se ostenta a brilhar;
«Minha prece, fervente, saudosa,
«Ao ceo mando nas azas do vento,
«E então o veloz pensamento
«Deixo livre no espaço voar!

«Amo a lua, se a vejo risenha
«No horizonte inundada em fulgor,
«Como virgem singela que sonha
«Illusões vaporosas d'amor,
«Companheira das noites que eu passo
«Sobre a tolda a domar o oceano,
«Sobre a tolda, onde impero sob'rano,
«Onde o mar me confessa senhor.

«Sobre as ondas nascido, que importa
«Sobre as ondas um dia morrer?
«Ir um dia, co'a força já morta
«Sob as ondas meu vulto esconder?
«E' o mar mausoleo de gigante,
«Sepultura de regia grandeza;
«Das areias na infinda riqueza
«Quero, quero na morte jazer!

«Quero! Zombo dos homens da terra,
«De seus loucos folguedos de amor;
«Não me assustam seus gritos de guerra,
«Nem as pugnias me infundem terror.
«Vi o mar, e preendi-me em seus laços,
«E jámais cá na terra outra amante
«Hade o peito abalar-me gigante,
«De meu sangue atear o fervor.

«Aspiremos a brisa ligeira,
«Que nos vem bonançosa afagar.
«Harmonia do mar passageira,
«Que na enxarcia murmura ao passar.
«Salvê ceo! Salvê mar, minha patria,
«Onde passo esta vida doirada!
«As grandezas da terra são nada
«Comparadas ao fausto do mar.

«Lá na terra, de enganos cercado,
«Pobre humano que fazes ahí?
«Porque vives submisso, prostrado,
«A esses grandes que zombam de ti?
«Solta as azas ao teu pensamento,
«Voa ao mar, satisfaz a anciedade,
«Recupera a gentil liberdade,
«Essa virgem mimosa d'aqui.

«Eu sou livre! A sorrir na amurada
«Poiso a fronte um instante a pensar;
«Sobre mim a mansão estrellada,
«A meus pés o oceano a espumar!
«Ergo então o pensar ao Eterno,
«Que do empyreo me escuta e soccorre;
«E a galera ligeira que corre
«Corta a face luzente do mar.

«Mas ao longe eis alveja uma vela
«Do horizonte no extremo a surgir.
«Companheiros, erguei-vos, cautela,
«Sobre a tolda, já, já, reunir.
«Chega, chega. Bandeira inimiga!
«Pavilhão adverso! Ao combate!
«Da abordagem no fervido embate
«Vou o pobre no mar afundir!

II

Chega perto a galera inimiga,
Labaredas vomita o canhão;
E os valentes accesos na briga
Desfallecem, caindo no chão.
Paira a morte n'aquelle horizonte,
E as ondas já tintas em sangue
Absorvem o corpo, que exangue
Tem o mar por eterna mansão!

Mais se accende a coragem dos bravos
Com o sangue, co'o fumo a subir;
E os gemidos profundos e cavos
Fazem córo co'o mar a rugir.
Fulge o facho feroz do exterminio,
Onde a chamma sanguinea lampeja,
E allumia no meio da peleja
N'esses rostos do odio o sorrir.

Mas o nauta, que a turba inimiga
Encarava inda ha pouco a sorrir,
No confuso tumulto da briga
F'rído cae, e da vida ao fugir
Com accento repete bem firme,
Já nas ancias extremas da morte:
«Aos continuos embates da sorte
«Sobranceiro sei sempre existir!

J. C. L.

Lisboa, Dezembro 1859.

Quando reflectimos sobre as nossas continuadas
loucuras, conheçamos a fraqueza das nossas fa-
culdades intellectuaes.

O jogador por officio. é dos entes mais nocivos
á sociedade.

O avarento enthesoairando dinheiro, e o biblio-
maníaco, colligindo livros; são eunuchos, que
guardam harens, de que outros háode gozar.

O avarento, aferrolhando, priva-se de augmen-
tar os seus capitaes.